

BIBLIOTECA: MOVIMENTOS LITERÁRIOS COM VISTAS À FORMAÇÃO DO LEITOR

ANDRÉIA MARIA CLERICI KLOCK (CEI EMÍLIA PISKE).

Resumo

Este trabalho trata da constituição da biblioteca no Centro de Educação Infantil Emília Piske (0 a 6 anos) na Rede Pública Municipal da cidade de Blumenau. Discute ainda a importância do funcionamento de bibliotecas na infância com vistas à formação do leitor. Uma história construída, vivida, ampliada, mantida dia-a-dia. Um trabalho de muitas mentes propiciando a leitura em qualquer lugar, tempo, espaço e momento. Um espaço de infância e múltiplas possibilidades, o desejo e o desafio de construir um acervo literário de qualidade. Como construir uma biblioteca sem acervo, sem espaço apropriado? Como conseguir ajuda do poder público e conquistar parcerias? Muitos desafios... Algumas obras literárias e um carrinho de supermercado deram início a biblioteca itinerante. Pouco a pouco o acervo foi se constituindo e um espaço maior e específico para a biblioteca foi conquistado, atualmente há um acervo diversificado, com diversos gêneros literários e teóricos, CDs e DVDs. Este trabalho descreve este processo que constitui a biblioteca Cândido Portinari, bem como os movimentos literários provenientes dela. Descreve os desafios encontrados tendo em vista a necessidade de formação dos profissionais que atuam nesta instituição, bem como a falta de um profissional qualificado atuando dentro da biblioteca. Diante destes desafios foram encontrados alguns caminhos que resultaram em empréstimos de livros e em diversos movimentos literários dentro e fora da instituição.

Palavras-chave:

Biblioteca, Formação do leitor, Movimentos Literários.

Este trabalho trata da constituição da biblioteca no Centro de Educação Infantil Emília Piske, que atende crianças de 0 a 6 anos, na Rede Pública Municipal da cidade de Blumenau.[1] Discute, ainda, a importância do funcionamento de bibliotecas na infância com vistas à formação do leitor. Uma história construída, vivida, ampliada, mantida dia-a-dia. Um trabalho de muitas mentes propiciando a leitura em qualquer lugar, tempo, espaço e momento. Um espaço de infância e múltiplas possibilidades, o desejo e o desafio de construir um acervo literário de qualidade. Como construir uma biblioteca sem acervo, sem espaço apropriado? Como conseguir ajuda do poder público e conquistar parcerias? Muitos desafios...

É importante que os profissionais mediadores de leitura sejam leitores, que leiam e releiam muitos livros e que leiam com profundidade. Dessa forma, podem relacionar, comparar construindo uma rede de conhecimentos. Entretanto, fazemos parte de uma sociedade em que a leitura sempre existiu com o propósito de preencher fichas de leituras, onde havia uma única resposta verdadeira, a escola nos comunicou isso. As leituras não vinham com o objetivo de fomentar discussões mesmo que o texto literário tenha como característica a plurisignificação, o uso de metáforas, as diversas entradas.

Existe um vasto mercado que produz um lixo editorial, livros com linguagem infantilizante, que visam explicar conteúdos ou lições de moral. Na sua maioria, trazem imagens estereotipadas que não ampliam o olhar do leitor. Há também, os contos que são tão reduzidos no que se refere ao texto escrito e, o iconográfico, que de estrutura de conto não tem nenhuma característica e ao invés de estreitar a relação do leitor com o livro, distancia. Portanto, somente um conto, ou uma

história de qualidade, tanto no texto escrito, quanto nas imagens, podem levar o leitor, ou o ouvinte, a sentir diversas emoções e ter o desejo de revisitar a história, não importa se ela é apresentada por meio da leitura ou da contação, para tanto, o livro precisa ser apresentado e estar ao acesso da criança.

Ingressar na educação infantil, sendo fruto de uma sociedade em que a leitura ainda é um desafio, torna o trabalho com a literatura muito difícil. Nesta situação que nos encontrávamos, tínhamos muitas dúvidas, como oferecer o livro? Como ler se a leitura não fazia parte da nossa vida? As crianças nos diziam que o livro era ruim, não tinha qualidade. O jeito era inventar, recontar e isto também trazia desconfortos. A oportunidade de participar de uma formação de literatura chegou na hora certa. Esta focava na formação leitora de cada participante. Ao vivenciar esta linguagem, descobrimos o deslumbramento pelo livro e fomos construindo um acervo, encantando-nos e contagiando outras pessoas.

A formação mostrava que as histórias de qualidade tocam pela riqueza de significado do texto, oportunizando a entrada no mesmo, por diferentes vias - título, curiosidade que o texto fomenta, o contexto que sugere um diálogo com o leitor, as imagens e tema implícito na narrativa. Conforme a autora (Colassanti apud Oliveira, 2005):

"Por qualidade em literatura, entendo exatamente a mesma coisa para qualquer idade: riqueza de forma e riqueza de conteúdo. Especificando minimamente: texto inventivo, não linear, conteúdo vertical, pluralidade de interpretações possíveis, vários níveis de leitura; densidade; aderência." (p. 180).

Em 2004, o Centro de Educação Infantil Emília Piske foi inaugurado e projetado sem um espaço planejado para biblioteca, e muito menos acervo literário. As leituras oferecidas eram do acervo pessoal de alguns profissionais, vinham dentro de uma bolsa, cada dia uma novidade. Aos poucos, as crianças e os adultos vinham ao encontro da bolsa, pois, quando esta surgia, a leitura aparecia, despertando muitos sentimentos no grupo de trabalho, desejo pela leitura, o desconforto, estranhamento, a dúvida.

Isto acontece porque a literatura é arte e as histórias fazem parte da cultura da humanidade. Por meio das histórias, pode-se ampliar a percepção do mundo nos seus múltiplos aspectos, compreendendo a si e ao outro. As histórias suscitam descobertas, emoções e a possibilidade de viajar, através da imaginação. Também possibilitam enfrentar medos, raiva, prazer, alegria e dor, por meio das vivências dos personagens. Isto acontece pelas ações dos mesmos sem a necessidade de explicações. Após ouvir histórias, a criança pode, simplesmente, calar-se ou se desejar, pode expressar-se de múltiplas formas num exercício de leitura compartilhada.

Ainda neste ano, adquiriu-se vinte e uma obras literárias na Bienal do livro, em São Paulo, para o CEI. Havia poucos livros, mas a relação afetiva das crianças pela literatura despertou a curiosidade dos profissionais. Visualizar, ler obras literárias de qualidade provocou a necessidade de reflexão acerca da condição leitora que cada profissional se encontrava. Por isso, todos da instituição iniciaram a formação continuada de leitura e literatura, lendo, discutindo, ampliando conhecimentos e, aos poucos, pensando em alternativas para a construção de uma biblioteca e como fomentar nos adultos e nas crianças o desejo de ler diversos livros.

No ano seguinte, com a ida ao COLE, adquiriu-se mais vinte livros, com verbas oriundas do conselho escolar. Como sistematizar e tornar o acesso das crianças a estas obras literárias uma vez que não havia uma biblioteca? Em 2005, um carrinho de supermercado transformou-se em biblioteca itinerante, o mesmo ficava na secretaria e circulava em todas as salas, facilitando a veiculação das obras pela instituição. As crianças e os profissionais tinham autonomia para movimentar o carrinho escolhendo os livros de sua preferência, optando, onde ler, o que ler, quantas vezes ler e para quem ler.

Realidade e fantasia juntas nas interações das crianças com os livros, observava-se isto diariamente, quando as crianças traziam o livro para a sala e liam debaixo da penteadeira, na casinha, no tapete, deitados ao lado dos amigos. Em qualquer lugar, a qualquer momento, o livro era saboreado. Era necessário compartilhar com as famílias o desejo das crianças pela leitura, com esta finalidade, uma das turmas desenvolveu um projeto que contemplou a ida à casa das crianças, lendo histórias. Organizou-se, também, um rodízio de empréstimos, no intuito de envolver as famílias, neste movimento de formar leitores.

Por meio da leitura, a criança pode ir em busca de suas indagações, curiosidades, problemas e refletir, concordando ou não; com o que leu, desenvolvendo, então, seu espírito crítico. De modo geral, as crianças são muito curiosas e o seu viver suscita muitas perguntas. Isto acontece, também, quando a criança não lê o texto escrito, mas o recebe pela leitura de outros, seja seus familiares, os professores ou mesmo de outros mediadores leitores da palavra. A partir da leitura oferecida a criança conhece um grande leque de histórias e vem a escolher os seus livros preferidos. Para isto é importante o mediador de leitura destacar o autor, ilustrador e editora, respeitando a autoria e enriquecendo o repertório da criança com diversos gêneros. Segundo o autor (Silva, 2003):

"O trabalho de leitura com crianças na faixa etária de 3 a 6 anos exigirá um bom contador de histórias, audição de narrativas gravadas (fitas, vídeo etc...) manipulação de livros com ilustrações fartas (de papel, de pano etc), facilitação de interação entre as crianças, contato permanente com os pais e coisas assim. [...] a apresentação do mundo dos livros para essas crianças deva ocorrer de maneira lúdica, estimulando ao máximo a produção de sentidos, o recontar criativo, a produção de narrativas orais pelas crianças, a união da história ouvida com atividades de artes plásticas, mímica etc." (p. 37).

Havia alguns livros, uma biblioteca itinerante e o sonho de se ter uma biblioteca com acervo diversificado, um espaço organizado para leitura individual e coletiva. Com a ajuda do poder público e do Conselho Escolar foi construído um espaço para a biblioteca, porém este sonho não se concretizou, pois era necessário atender às crianças que completariam seis anos na instituição. Para assegurar espaço de atendimento a estas crianças cedeu-se a sala onde estava instalada a secretaria, e esta, é remanejada ao espaço construído para a biblioteca, dividindo lugar com os livros. Muita angústia, decepção, a leitura, em segundo plano!

Finalmente, no mês de setembro de 2006 com a ampliação de duas novas salas para o atendimento das crianças conseguiu-se garantir o espaço para a biblioteca, com livros de diversos gêneros discursivos/textuais, livros teóricos, literários, alguns DVDs, CDs. Com o crescimento do número de crianças, atendidas por esta instituição, o acervo foi ampliando e também o número de empréstimos, sendo imprescindível algumas organizações para que o livro não danificasse. Então foi adquirido algumas bolsas para transportar o livro com cuidado.

Diante de um acervo de qualidade, a criança pode escolher o livro, segundo seus interesses e formular seus critérios de escolha, segundo o gênero, editora e autor. Ao ser questionado, sobre como nasce um leitor, Werner Zotz afirma que "um leitor nasce de muitas formas, mas, via de regra se inicia na família, reforça-se na escola e continua pela vida" (Zotz, 2005: 21). Entretanto, vivemos numa sociedade em que o livro não está ao acesso de todas as pessoas. Diante de um vasto mercado editorial, as pessoas, com o poder de compra reduzido e sem um olhar crítico para o livro de qualidade, optam ainda pelo livro mais barato, maletas de livros com CDs, narrando histórias, que são qualquer coisa, menos literatura. Lembrando Bartolomeu Campos de Queirós "não existe texto literário sem qualidade. Existem textos que não são literários". (Queirós apud Oliveira 2005: 167).

A educação infantil é um espaço de cultura e de direitos, e é necessário respeitar a criança e suas diversas formas de ler o mundo. Cabe aos profissionais da educação infantil selecionar e oferecer uma diversidade de gêneros discursivos textuais, às crianças. Portanto, é necessário ter uma biblioteca para que a criança tenha acesso a uma diversidade de suportes textuais, como: livros, jornais, revistas, internet e seus respectivos gêneros discursivos/textuais, pois, entendemos que, ler e escrever são instrumentos de comunicação, de construção de competências, de manifestação e inserção na cultura.

Inaugurar a biblioteca com a presença dos profissionais, comunidade, famílias, crianças, SEMED[2] significava garantir a permanência deste espaço. Mas com que nome? A turma de cinco e seis anos com o projeto "nossas marcas[3]", estudou a vida e obra de Cândido Portinari, e apreenderam que Portinari deixava registrado nas suas imagens as questões sociais da época. Muitas leituras, leitura da palavra escrita, leitura das imagens, leituras dos textos ouvidos pela música, pela poesia, pelo teatro, pelas diversas linguagens. Por que o nome da biblioteca não poderia ser de um artista plástico que deixou tantas marcas registradas? As crianças, ao serem questionadas, não tiveram dúvidas, os adultos envolvidos no projeto refletiram, e também apoiaram a idéia.

No dia doze de abril de 2007, foi inaugurada a biblioteca do CEI[4], denominada "Biblioteca Cândido Portinari". A noite era de festa, a comunidade, crianças, famílias, funcionários, SEMED, conheceram mais dos movimentos de leitura realizado na instituição bem como um pouco da vida e obra de Cândido Portinari, deliciaram-se em um circuito de histórias. Este foi organizado em três espaços, com diferentes blocos de histórias, livro brinquedo, poesias, contos e livros de imagem. Neste movimento, foram organizados pequenos grupos que circulam nos espaços, para receber leituras.

O acervo, constantemente, é ampliado, sempre com o apoio do conselho escolar. Em 2008, o MEC enviou 20 livros para todas as instituições de educação infantil, sendo este, o primeiro ano que a Educação Infantil recebeu livros do Governo Federal. Neste ano, a biblioteca passou a funcionar em uma sala maior. Os livros estão organizados, em estantes, de forma a terem exposta a capa, o mesmo acontece com os CDs e DVDs, pois a imagem é fundamental para a leitura das crianças desta faixa etária. Há espaço para realizar leituras coletivas e individuais. Temos também um pequeno espaço com computador e livros de pesquisa para os funcionários. Em 2009, por meio de uma carta dirigida ao MEC, conseguiu-se a doação de 231 obras literárias. Hoje, o CEI possui um acervo constituído por mais de 400 livros.

As instituições de educação infantil em Blumenau não possuem um agente de biblioteca, sendo um complicador para a organização e manutenção do acervo, bem como a organização do empréstimo. Sabe-se, porém, a importância de registrar o

acervo adquirido, bem como o empréstimo, para que este acervo não se perca. A organização da biblioteca só é possível, pois existe uma mobilização interna, por parte dos profissionais envolvidos. O recurso utilizado para as crianças aprenderem a ordenar os livros, conforme o gênero, foi separar as estantes por cores correspondentes aos gêneros discursivos/textuais. Os livros são catalogados com um índice de cores, pequenos adesivos circulares com cores referentes aos gêneros, levando em consideração a autonomia das crianças, uma vez que estão no processo de alfabetização/letramento e não decodificam o código escrito, porém fazem a leitura da imagem. Nesta estruturação criamos símbolos que permitem à criança, autonomia para identificar os gêneros textuais e dispor de forma ordenada a biblioteca.

Algumas estratégias tornaram-se necessárias ao adquirir o acervo, pois existe uma preocupação com a qualidade literária e com a oferta às crianças. Uma das estratégias é a seleção das obras de forma que se organizem blocos de histórias. Hoje, a biblioteca possui um acervo de livros de contos, de poesias, de informativos, de histórias, livros de imagem, livros brinquedos, trava-língua, livros de músicas, adivinhas, enigmáticos, entre outros. Desta forma, é possível formar vários blocos, por autoria, seja escritor, ilustrador, gêneros, temas, fazendo o cruzamento de várias histórias em uma leitura compartilhada.

Talvez se questione, mas as crianças, nesta idade, ainda não lêem e não escrevem. Segundo Coelho (2000), nesta fase, as crianças que fazem parte de uma categoria são chamadas de pré-leitores, onde se destaca que, embora elas ainda não tenham adquirido o código escrito, fazem a leitura da narrativa visual, das imagens, nomeando os elementos das mesmas. Passam, a construir frases, relacionando-as com as experiências de leituras realizadas.

O pré-leitor, ao manusear o livro, faz a releitura, a partir de suas vivências, e de experiências de leituras que possui, utilizando o texto iconográfico como referência. As experiências leitoras, oportunizadas às crianças, levarão a uma formação interior, pelo diálogo entre leitor e livro, no qual, a criança pode compreender-se e compreender o mundo pela mensagem contida nele.

Britto (2005) aponta, também, que as crianças lêem com os ouvidos e escrevem com a boca. Nesta perspectiva, o adulto lê para a criança e se torna escriba para a mesma. Segundo o autor (Britto, 2005):

Na primeira infância, ler com os ouvidos é mais fundamental que ler com os olhos. Ao ler com os ouvidos, a criança não apenas se insere na interlocução com o discurso escrito organizado numa sintaxe, num léxico e numa prosódia diferentes, como passa a compreender as modulações de vida que se enunciam num texto escrito. Ela experimenta a voz escrita. (p. XV).

A partir destas vivências no universo cultural, a criança, além de conhecer os gêneros discursivos/textuais, começa a compreender, também, o código escrito, desvelando a diferença entre imagens, símbolos e letras. E percebe que, ao escrever, utiliza a língua de maneira diferente da oralidade, e que, cada gênero, supõe uma maneira de falar e escrever diferente. Desta forma, está fazendo uso social da leitura e escrita. A literatura infantil tem um papel ainda maior, o de trabalhar questões subjetivas humanas, como as emoções, os conflitos em fim, sobre a vida.

As crianças participam no CEI de circuitos de histórias em espaços ludicamente organizados, dentro e fora da sala, na biblioteca, no bosque, na grama, no pátio. Estes cenários são estruturados muitas vezes, por temas ou pelos gêneros

escolhidos, histórias de lobos, porcos, medo, sapos, poesias, contos, inúmeras possibilidades, conforme a criatividade dos profissionais.

Propiciar movimentos literários diferenciados, lúdicos, aproximam, ainda mais, as crianças da leitura. São realizados momentos em que as professoras se caracterizam, de acordo com os personagens do mundo da imaginação. Um chapéu "mágico" torna a professora um personagem e as crianças, instantaneamente, entram neste mundo extraordinário da fantasia. Algumas se expressam como se conversassem com a bruxa, com o lobo, outras sentem medo, choram escondem-se, espiam de longe. Há crianças que imitam o personagem e juntos caminham num teatro inusitado. Nestes diálogos, o repertório de histórias aparece, transforma-se e se recria.

Participa-se, também, dos movimentos literários pela cidade, na biblioteca pública, nos movimentos de leitura na Fundação Cultural, organizados pelo PROLER de Blumenau. No movimento denominado "Cada Canto um Conto" as crianças e os professores ouviram os personagens do Sítio do Pica-pau Amarelo, lendo histórias. Em outros momentos, neste lugar, as crianças participaram da "Ciranda de Histórias", circuito organizado por temas. Nestes movimentos, alguns profissionais do CEI Emília Piske participam como mediadores de leitura.

Os passeios, as visitas planejadas, oportunizam a vivência de diversas linguagens, que por vezes foram pouco experimentadas anteriormente pelos profissionais ampliando a leitura de mundo. Isto acontece por que aos poucos, professores e crianças vão ao cinema, ao teatro, a exposições de artes, ao zoológico, ao museu e tantos outros passeios possíveis que fazem parte do projeto desta instituição.

O café com leitura foi um movimento literário que surgiu em 2007 e acontece duas vezes por ano. As famílias são convidadas a desfrutar da alegria de tomar café da manhã com seus filhos e, nestes momentos, juntos, ouvem histórias, músicas, poesia. Algumas vezes, as crianças lêem histórias, outras vezes, os professores e/ou, ainda, um convidado pode oferecer a leitura, ou declamar poesias.

No dia-a-dia, cada dupla de professores planeja, de modo a oferecer leituras de diferentes formas, levando em consideração, a experiência leitora das crianças que compõem cada turma. Estamos continuamente nos constituindo leitores, ampliando os gêneros de leitura, refletindo, buscando uma leitura aprofundada. Observa-se que os profissionais possuem níveis de conhecimentos e experiências diferentes, isto se reflete nas práticas pedagógicas. Os profissionais estão adquirindo um olhar crítico no que se refere à seleção da obra, o que oferecer, como oferecer. Ampliou-se o olhar em relação a montar blocos de leitura, a provocar o desejo pela leitura.

As crianças pequenas criam e recriam histórias com facilidade, por meio dos livros de imagem vão apontando caminhos, vão questionando, dando dicas, de como é possível ler um livro de diferentes formas, ou pontos de vista. Elas por meio das imagens, apontam detalhes da linguagem plástica que o olhar adulto já não enxerga. Conforme a autora (Castanha, 2008):

"A partir do momento em que se é alfabetizado, que se aprende a decodificar os caracteres dos textos, gradativamente detalhes como a expressão das personagens, elementos do cenário, percepção de formas e cores, que antes eram determinantes para a compreensão da história, passam a ficar em segundo (ou último) plano. É como se, aos poucos, durante a trajetória de uma pessoa na vida escolar, ela se "desalfabetizasse" das imagens. [...] De fato, a escola e os pais têm esse compromisso: o de estimular o hábito da leitura. Porém [...] A escola pode ser também espaço para, no mínimo, desenvolver o interesse por outras linguagens, o

que certamente contribuirá para que seus alunos se tornem leitores mais críticos e observadores não só de textos e imagens, mas de um conjunto de formas expressivas e do próprio mundo em que vivem." (p.145)

O cruzamento de vários textos acontece no projeto de cada turma deste CEI, pois, além do texto literário, surgem as receitas, as músicas, os textos informativos sejam do jornal, internet, revistas, livros. Nasce textos criados com os relatos das crianças e registrados pelos professores, textos de imagens, de pinturas, fotografias, exposições, etc.

As diferentes vias de leitura são proporcionadas, a linguagem teatral foi experimentada pelas crianças, com o espetáculo de Trava-Línguas (RJ) apresentado no Teatro Carlos Gomes de Blumenau no 9º FENATIB[5]. Após alguns dias, a professora faz a leitura do livro "Travadinhas" de Eva Furnari para a turma, e Johanna de quatro anos fala: "Esse livro é igual aquele lugar que a gente foi". Johanna constata nas diferentes linguagens, o mesmo gênero discursivo/textual. Ela adquire um novo conceito por diferentes vias. A linguagem teatral, abordou alguns trava-línguas com o corpo, ou seja, cantado, dançado, com ritmo e sonoridade e a linguagem literária, abordou outros trava-línguas, por meio da leitura. Porém, algo permitiu este novo conceito à criança, talvez, seja, a característica relativamente estável de um gênero, os trava-línguas, têm pronúncia ágil e clara de versos, frases de palavras com sons semelhantes.

Lembrando e refletindo a história desta instituição, a luta pelo direito à leitura, observa-se a ampliação de repertório, o avanço, a satisfação das crianças em poder escolher e levar o livro para casa e a alegria que transmitem quando lêem com suas famílias. O livro oportuniza um momento especial entre as famílias das crianças e dos profissionais que levam o livro para casa. Estes momentos são relatados pelos pais, mães, avós, professores e pelas crianças. Observa-se o prazer pela leitura, quando as crianças lêem na instituição para as bonecas, para os amigos, sozinhos, aconchegados em algum canto e viajam por lugares proporcionados pela leitura.

Encontramos algumas adversidades pela rotatividade de funcionários na instituição a cada ano que passa, os mesmos, ainda as vezes não possuem uma relação intimista com os livros. Neste sentido encontram dificuldade em mediar a leitura, o manuseio e o empréstimo de livros, resultando na perda de acervo. Percebe-se muitos desafios a frente, manter e ampliar o acervo, ter um bibliotecário mantido pelo poder público, o sonho de emprestar livros para a comunidade, que as crianças possam fazer empréstimos com maior frequência, semanalmente, diariamente, conforme o desejo, a necessidade.

Destacamos que o CEI Emília Piske, instituição de Educação Infantil Pública, carrega consigo uma relação de cuidado com a leitura e o livro, que tem em seus profissionais a constante busca pelo fazer "mais acertado", para isso está em constante (trans)formação.

REFERÊNCIAS

BRITTO, Luiz Percival Leme. Educação infantil e cultura escrita. In: FARIA, Ana Lúcia Goulart de; MELLO Sueli Amaral. **Linguagens infantis: outras formas de leitura**. Campinas: Autores e Associados, 2005.

CAGNETI, Sueli De Souza; ZOTZ, Werner. **Livro que te quero livre**. Florianópolis: Letras Brasileiras, 2005.

CASTANHA, Marilda. A linguagem visual no livro sem texto. In: OLIVEIRA, Ieda de. **O que é qualidade em ilustração no livro infantil e juvenil**: com a palavra o ilustrador. São Paulo: Difusão Cultural do Livro, 2008.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil**: teoria, análise, didática. São Paulo: Moderna, 2000.

OLIVEIRA, Ieda de. **O que é qualidade em literatura infantil e juvenil?**: com a palavra o escritor. São Paulo: Difusão Cultural do Livro, 2005.

SILVA, Ezequiel Theodoro. **Conferências sobre leitura** - trilogia pedagógica. São Paulo: Autores Associados, 2003.

[1] Trabalho coletivo dos profissionais do Centro de Educação Infantil Emília Piske, que tem como projeto geral da instituição "A criança no mundo das linguagens", sendo a biblioteca deste espaço um passaporte para a leitura das crianças e dos adultos. Andréia Maria Clerici Klock e Marja Milene Belegante Costa, são autoras deste artigo, pedagogas, professoras do CEI e pesquisadoras na área da leitura.

[2] SEMED Secretaria Municipal de Educação.

[3] O CEI Emília Piske, tem registrado no Projeto Político Pedagógico o trabalho com projetos, tendo a clareza de que esta organização, contempla as aprendizagens integrais da criança e, não coloca os profissionais da educação infantil, à mercê, de planejamentos por lista de atividades ou, datas comemorativas, que não respeitam, em nada, a diversidade cultural, étnica e, religiosa da criança e das infâncias.

[4] CEI - Termo utilizado na cidade de Blumenau para nomear os Centros de Educação Infantil.

[5] FENATIB - Festival Nacional de Teatro Infantil de Blumenau, nasceu em 1997, numa iniciativa da Fundação Cultural de Blumenau, preocupada com a carência de reflexões sobre o fazer teatral dedicado às crianças.